



Editorial

Revista Digital do LAV – Laboratório de Artes Visuais - vol.11, n.2, mai./ago. 2018.
Universidade Federal de Santa Maria.
ISSN 1983-7348

Caro leitor e cara leitora,

Apresentamos o Dossiê Temático “Narrativas afetivas de professores de artes: experiências poéticas e educação docente”, o qual traz narrativas de autores de diferentes lugares do Brasil, das Américas do Sul e do Norte, e também da Europa. Reconhecemos que é uma honra e uma responsabilidade poder desenhar o dossiê da edição em que a Revista Digital do LAV completa **dez anos de existência**, contribuindo com a educação das artes aqui no país e fora dele. Portanto, a responsabilidade é continuar com o trabalho consistente e criterioso, ético e poético, desenvolvido pelos dossiês anteriores, e cuja honra tem sido podermos conhecer e dialogar com diferentes perspectivas e usos das narrativas de vida.

As narrativas de vida, de afeto, são importantes e necessárias porque ao narrar o vivido, nós nos desenhemos, tornamo-nos o próprio personagem de nossa vida e passamos a existir. Só existimos se contamos histórias de nós mesmos. Assim sendo, as narrativas de vida não são apenas sistemas simbólicos importantes e necessários, os quais “o pôr em forma da existência encontraria sua expressão: a narrativa é o lugar onde o indivíduo humano toma forma, onde ele elabora e experimenta a história de sua vida” (DELORY-MOMBERGER¹, p. 363).

Por dar forma às experiências vividas é que as narrativas são encontradas em todos os tempos, lugares e culturas, pois não há

parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente e mesmo oposta: a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, transhistórica, transcultural, a narrativa está aí, como a vida (BARTHES², 1973, p. 19).

¹ DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2 p. 359-371, mai./ago. 2006.

² BARTHES, R. *Análise estrutural da narrativa*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

Por possibilitar a compreensão das experiências que nos transformaram nos professores de artes que somos, que, principalmente nos últimos anos, as investigações produzidas com ou a partir das narrativas de vida multiplicaram-se quantitativa e qualitativamente, respeitosa e admiravelmente nos contextos da educação de professores e de estudantes.

A pesquisa com narrativas, sejam elas autobiográficas ou biográficas, são necessárias e urgentes porque tramam processos investigativos e formativos que ampliam nossa consciência sobre nós mesmos ao possibilitar que vivamos, de uma só vez, os papéis de investigador e investigado de nossas histórias pessoais. Ou seja, de continuarmos o aprendizado, de nos tornarmos professores-pesquisadores-artistas-narradores, narrando nossas experiências pessoais e coletivas.

No dossiê que ora apresentamos, procurou-se agregar saberes e fazeres narrativos, diversos e singulares, para motivá-los a também lembrarem suas histórias pessoais, ou coletivas, e narrá-las, elaborando e experimentando a história de sua própria vida.

Assim, as narrativas que seguem são, ao mesmo tempo, experiências partilhadas e outros textos que poderão ajudá-los a produzir relações e narrativas outras.

Ana Angélica Albano, em sua narrativa ***Agora eu era o herói: imaginação e expressão artística na primeira infância***, narra suas memórias, experiências como e com professores de arte e observações coletadas ao longo de 20 anos supervisionando estágios no curso de graduação em artes visuais da Unicamp. Sua narrativa reflete, também, a potência das atividades com linguagem visual na educação infantil, além de dialogar com poetas e artistas, procurando imagens que enfatizem a importância de incentivar a imaginação e a expressão artística na primeira infância.

Ana Cristina Moraes, em **Educação estética e (auto)formação: singularidades no tornar-se docente**, reflete sobre formação estética com esteio na trajetória de uma docente do ensino superior. Numa perspectiva autobiográfica, discorre sobre experiências estéticas desde a infância até a atuação profissional numa universidade pública, no âmbito do ensino, pesquisa e extensão. Sua narrativa está amparada em autores de referência, como Suassuna (1996, 2008), Freire (2006), Josso (2007), Tardif (2007), Souza (2008), Duarte Junior (2010) e Martins (2011, 2014). Categorias como autobiografia, educação estética e formação docente são criticamente discutidas. A autora conclui que cada docente, pela sua singular história de vida e acessos a formações e acervos culturais, cria um repertório e um modo peculiar de tornar-se docente, o que compõe um conjunto diversificado de docentes em atuação no campo da educação estética.

Ana Cristina Rossetto Rocha, em **Notas acerca das ressonâncias de um processo de iniciação artística na criação de si**, narra algumas experiências que constituíram o material de pesquisa de sua tese de doutorado, cujo mote provocador da investigação foi: “pode um processo de iniciação artística fomentar, no curso de uma vida, modos de existência implicados na *criação de si?*” Rocha investiga a atuação da memória como dispositivo de ressignificação e a potência da iniciação artística como campo propício às práticas do *cuidado de si* – noção que atravessou a cultura e a filosofia greco-romana por um período de longa duração e foi retomada por Foucault nos seus últimos trabalhos.

Ana Luiza de Freitas Duarte, em seu relato denominado de **Autobiografia - Caminhos percorridos que me transformaram em uma Professora de Artes Visuais**, descreve os caminhos percorridos por ela com o objetivo de compreender os modos pelos quais se tornou a professora que é. Embora reconheça que tenha se tornado uma professora de Artes Visuais, licenciada especificamente em Desenho e Plástica, com habilitação em Modelagem, em suas vivências pessoais não lhe faltaram as demais linguagens artísticas, ainda que de forma tímida ou apenas esboçada. Em seu relato afirma que, como pessoa, sentiu necessidade de experimentar diferentes formas de expressão, pois a despertavam para diferentes sentimentos, mas, enquanto profissional, optou por ensinar o que tinha maior facilidade de expressão: as artes visuais.

Carla Juliana Galvão Alves e Denise Batista Pinto Sabino, em **Memórias docentes: os cheiros e as cores da arte** focam nas memórias afetivas de professores de Artes Visuais, com o objetivo de compreender o papel que desempenham na escolha profissional e na constituição de suas identidades docentes. O referencial teórico-metodológico adotado é o da Pesquisa Narrativa, fundamentado, principalmente, em Josso e Nóvoa. As reflexões apresentadas referem-se a experiências estéticas e/ou artísticas vividas por esses professores em suas trajetórias individuais, e são analisadas à luz de Dewey. A pesquisa evidenciou a importância de tais experiências, tanto na educação escolar quanto na formação docente, uma vez que a construção dos saberes e fazeres, em arte, implica em uma sensibilização que só é possível por meio de vivências e da elaboração de sentidos, que se faz, tanto de forma pessoal quanto de forma partilhadas, nos mais diversos espaços educativos.

Fernando Hernández, em sua narrativa intitulada **Encuentros que afectan y generan saber pedagógico entre docentes através de cartografías visuales**, parte de uma investigação que vem desenvolvendo a partir da seguinte questão: como aprendem os professores do Ensino Médio? O autor afirma que *una peculiaridad de este proyecto es que cuestiona diferentes dualidades características de la investigación cualitativa: la relación*

entre investigadores se asume desde la trama de relaciones y no desde una distancia separadora; la generación de evidencias se lleva a cabo a partir de una experiencia de configurar cartografías visuales que permiten expandir sentidos y cuestionar el dualismo entre imagen y palabra; el análisis no pretende extraer una verdad de los datos por parte del investigador, sino se configura como un proceso de pensar que permite, a partir de conceptos, investigar desde la teoría; la propia noción de 'datos' es revisada, pues no se considera algo que 'está ahí fuera' sino que se genera en los encuentros; finalmente, la investigación no termina sólo en publicaciones académicas, sino en nuevos encuentros con docentes, donde la práctica de la formación se realiza para generar saber pedagógico de manera compartida.

Juliana Mendonça Palhares, em **Por que cantam os passarinhos?** defende que a narrativa de si se transforma em matéria estruturante para a reflexão e análise de si e de sua travessia como *artista-professora-pesquisadora*. Sua narrativa apresenta a ação de investigar sua história pessoal e dela extrair uma experiência significativa, primordial para o seu caminho de vida e de escolha profissional. Num primeiro instante, a narradora debruça-se sobre sua experiência e a esmiúça, procurando analisá-la e compreendê-la como um momento existencial vivido em completude, que transforma o instante do presente e abre novas possibilidades de construção de sentidos. Num segundo momento, observa como sua narrativa provocou o *corpo-estético* da criança e passou a ser, também, uma narrativa de outras infâncias.

Leonardo Augusto Verde Reis Charréu, em sua narrativa **Infâncias, quadrinhos e ruralidade: quatro fragmentos das histórias que vivi para me tornar no que sou**, escrita em primeira pessoa, adota uma perspectiva literária defendida por Elliot Eisner, pois também acredita que narrar é fazer ciência. Leonardo Charréu busca a coerência da originalidade e é precisamente consciente que a vida de cada um é única e irrepetível e julga ser na ligação entre os fragmentos vividos que encontrará, talvez, a resposta ao desafio lançado pelo Dossiê: como nos tornamos os arte educadores que somos?

Lilian Ucker Perotto, em **Reflexões entre pesquisa e experiência biográfica na formação de arte-educadores**, reflete a proposta pedagógica que vem desenvolvendo em uma disciplina do Curso da Licenciatura em Artes Visuais da FAV-UFG, a qual tem como foco, conectar a experiência biográfica dos estudantes aos projetos de pesquisa que eles desenvolvem como conclusão de curso. A autora narra como nasceu e se desenvolveu a proposta de vincular a experiência biográfica à formação dos seus estudantes e como se tornou um importante instrumento reflexivo das suas trajetórias no curso.

Luciana Esmeralda Ostetto, em **No novelo da memória, atravessamentos do sensível: tornar-se**, pontua que as histórias de vida e formação, como construções biográficas, são acessadas por meio de atos de memória e ganham nuances peculiares no próprio processo de narrar-se a medida em que o narrador caminha para si. Inserida neste quadro compreensivo, sua narrativa é tecida com fragmentos de memórias que contam sobre itinerários de formação – ética, política, estética –, representativos da existencialidade da narradora. Ao localizar atravessamentos sensíveis que contribuíram para a ampliação de seus repertórios artístico-culturais em diferentes temporalidades, dá visibilidade à formação estética como processo-projeto de elaboração de sentidos e produção da vida, na relação com a arte, a cultura e a natureza. Por fim, na fronteira entre educação e arte, traz à mostra traços de percursos singulares, que se desdobraram em reflexões sobre a formação de professores.

Luiz Carlos Pinheiro Ferreira, em **“Você sabe ensinar, sim!” - Experiência, narrativa e (auto)formação**, contempla aspectos de uma investigação arqueológica de si, com ênfase no campo autobiográfico e narrativo, explicitando lembranças emblemáticas que impulsionaram o interesse pela docência em artes visuais. Sua narrativa evoca experiências presentes no processo de (auto)formação subjetiva, suscitando reflexões acerca dos caminhos percorridos durante a época de escolarização. A pergunta que impulsionou a produção desse movimento de escrita, corresponde ao momento de enunciação da frase “Você sabe ensinar, sim!” proferida pela Professora Sueli Rezende, no contexto formativo da antiga quarta série do ensino fundamental.

Maria Carolina Duprat Ruggeri, em **Narrativa afetiva de uma artista educadora**, considera aspectos de seu período de formação e de atuação, no âmbito do ensino superior, enfatizando a relação de interdependência que há entre a arte e o ensino da arte. Para a narradora, as narrativas têm como principal fundamento a perspectiva fenomenológica e, mais especificamente, as concepções de percepção e intersubjetividade proposta por Maurice Merleau-Ponty, em diálogo com os conceitos de percepção e afecção de Henri Bergson, que mobilizam a produção artística e a relação de ensino e a permanente reversibilidade entre o que vemos e o que nos olha, proposta por Georges Didi-Huberman, que traz a emoção como força mobilizadora. Em sua narrativa, destaca, também, a importância da experiência estética no ensino da arte, segundo a abordagem de John Dewey, concluindo que o entrelaçamento dessas perspectivas nos leva a considerar a importância da relação afetiva no processo de formação e atuação do artista e do educador.

Rose Helena Reyes, em **O chão, o pano e o bastão** toma estes três “materiais não-estruturados”, enquanto elementos estruturais e estruturantes, ao mesmo tempo

concretas e simbólicas, que sempre atravessam suas experiências em teatro, arte/educação e formação de professores. Ao narrar, Reyes passeia por registros fotográficos que dão espaço à memória corporal dos diversos trabalhos que desenvolveu e a fez reencontrar com esses três elementos. Conclui que O chão, o pano e o bastão: são materiais orientadores de expedições perigosas em busca de saberes, modos de criação, seguindo direções incertas, desnorteadas e reorientadas pelo enigma do desejo.

Rosvita Kolb Bernardes, em **De uma história a outra, a professora que sou**, nos brinda com pequenas histórias, fragmentos de práticas docentes e artísticas, vividas, escolhidas e experienciadas em tempos e espaços diferentes, tecidas pelo fio da memória em um intenso movimento de resignificação. São construções biográficas que se cruzam entre lugares e objetos, em momentos vividos entre a escola, a infância, a docência e a arte. Inspirada em Walter Benjamin, Rosvita mergulha nas histórias narradas, construindo um conjunto de mônadas ou miniaturas de significados, que trazem uma perspectiva autoinvestigativa, potencializadora, onde a ação do lembrar tem um papel fundamental.

Sergio Trabucco Zera, em **Experiencias y registros en escuelas rurales de Chiloé, Patagonia Chilena: educando en libertad** apresenta reflexões sobre uns *ciclos de talleres en escuelas rurales unidocentes y multigrados en la Isla Grande y en la Isla Quinchao del Archipiélago de Chiloé, en la Patagonia Chilena, lo que resultó, por un lado, en la confección de una bitácora de la experiencia, y por otro, en ciclos de talleres a cargo de artistas de Chile, Brasil y Argentina. Para el narrador, se trata de proyectos en construcción (vivos), registros de experiencias de memoria y territorio que nacen en un contexto de crisis de la educación pública en Chile. Iniciada en 2006 por los estudiantes escolares, presentándose como una necesidad por parte del autor, quien además es profesor en la Universidad de Chile, pero que no está restringido a un territorio, por mirarse, descubrirse y entender el lugar que habitamos en una constante contraposición escuela/campo, poniendo en tensión la concepción de ciudad y modernidad desde una concepción autobiográfica e identitaria.*

Sumaya Mattar, em **O lugar do relato autobiográfico no sistema formativo Cartografias de si**, apresenta as bases do trabalho com as narrativas de vida no âmbito do sistema *Cartografias de si*. Para a autora, esta é uma perspectiva metodológica de trabalho com educadores composta por uma série de proposições, meios, processos e procedimentos, cujo eixo é o denominado *ato cartográfico*. Trata-se de uma perspectiva metodológica que postula a integração entre as esferas da criação artística e pedagógica e privilegia o papel da experiência nos processos de aprendizagem de adultos. Assim,

conclui: em uma época em que os professores são cada vez mais desvalorizados, essa perspectiva metodológica tem se revelado transformadora não apenas das práticas e concepções educativas dos sujeitos, senão, também, deles próprios.

Teresa Torres Eça, em **Mapeando**, apresenta alguns mapas de encontros e desencontros que influenciaram sua relação com a arte e com a educação. Em um relato autobiográfico, amplia sua consciência de seu hibridismo: artista, professora e investigadora. Nesta narrativa, reflete seu percurso pelas principais redes e organizações onde se integra: Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual -APECV, International Education Through Art-InSEA; Rede IberoAmericana de Educação Artística- RIAEA.

Victor Luis Porter Galetar, em **La amistad de las palabras - Reflexiones sobre arte y expresión**, narra sobre la importancia que tiene la voz encendida que se escucha y el papel que juega el arte para poder expresarnos. En la comunión que ocurre entre seres humanos que emiten su voz, el hospital, la escuela, la cárcel, se transforman en sitios donde el ser humano puede encontrar un camino de vida justo y creativo. En todas ellas hay algo que falta, y ese algo puede ser la igualdad que establecen dos seres humanos cuando utilizan su voz para hermanarse en la comunicación.

Dois artigos compõem nesta edição a sessão de demanda contínua. O primeiro deles, **Hebe de Carvalho: educando os arte/educadores**, Ana Mae Barbosa expõe uma entrevista concedida pela arte/educadora Hebe de Carvalho ao seu ex-aluno e arte/educador Carlos Ernesto Triguís. Tal proposta textual, que resgata na íntegra a entrevista concedida pela arte/educadora para a dissertação de mestrado de Carlos Triguís no ano de 2005, parte da iniciativa de Ana Mae em pesquisar e homenagear o trabalho desenvolvido por mulheres arte/educadoras na década de 1960.

Já o segundo texto desta sessão - que também encerra esse número da revista - **Práticas artísticas e práticas pedagógicas: praticar o quê, para quê?** Lucia Gouvêa Pimentel, problematiza uma educação homogeneizadora e um comportamento colonizado de abordagem da educação das artes visuais, defendendo em sua escrita uma formação docente que esteja aberta e atenta as possibilidades de elaboração de materiais, de metodologias e avaliações que possam estar em consonância com os modos de vida, com as potencialidades e necessidades que emergem em meio ao contexto singular das experiências educativas.

Leitores e leitoras, desejamos que tenham excelentes leituras!

Editores desta edição

Dr. Henrique Lima Assis (Responsável pela organização do dossiê "Narrativas afetivas de professores de artes: experiências poéticas e educação docente")

Dra. Marilda Oliveira de Oliveira

Dra. Vivien Kelling Cardonetti

Dra. Francieli Regina Garlet